

Devires clínicos e outros aprendizados¹

SABRINA BATISTA ANDRADE²

Gostaria de começar agradecendo a banca aqui presente, composta de pessoas que tanto admiro. É uma alegria e uma honra o aceite de vocês ao meu convite para serem leitores e comentadores deste texto “Escuta, que a Terra te entrega o tempo presente”. E é a isso que me proponho aqui hoje, a escutá-los.

Quero agradecer imensamente minha orientadora, que também foi minha orientadora no mestrado, Suely Rolnik. Difícil encontrar palavras que alcancem a singularidade de minha gratidão por ti, minha cara. Mas quero dizer-lhe que pela via do humor, do dom da regeneração e de sua inteligência afiada, eu sigo me surpreendendo e aprendendo muito contigo.

Quero agradecer aos amigos, muito queridos, que estão presentes aqui hoje. O que seria da vida sem essas alianças de amizade e reciprocidade? Agradeço por terem saído de suas casas, desmarcado seus consultórios, agradeço especialmente aos que vieram de fora de São Paulo. O calor de vocês alegra este dia e cada presença é um presente nesse rito. Sigamos pelas estradas bifurcadas da vida, que também me levam a agradecer a algumas presenças ausentes neste momento.

¹ Texto apresentado na defesa de doutorado de Sabrina Batista Andrade na PUCSP em 14/05/2024, tese intitulada “Escuta, e a Terra te entrega o tempo presente - variações de uma clínica performática”.

² Doutora pelo Núcleo de Estudos das Subjetividades no programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa Dra Suely Belinha Rolnik (2024). Mestre em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos das Subjetividades da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2018) sob orientação da Profa Dra Suely Belinha Rolnik. Integrante do grupo de pesquisa: Psicanálise e Filosofia da Imanência: Desafios da Clínica na Contemporaneidade, Coordenadora Suely Rolnik. Início 2015/atual Possui Especialização (Lato Sensu) em Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama: Clínica de indivíduos, grupos, redes e organizações sociais pela Fundação Gregorio Barenblitt/Instituto Félix Guattari de Belo horizonte(2010), e Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2006) com ênfase em Psicologia Educacional. Atua como psicóloga clínica em consultório particular e com intervenções institucionais CRP: 06/142423. Foi performer-pesquisadora no Obscena agrupamento independente de pesquisa cênica e no N3Ps - Nômaes Permanentes Pesquisam e Performam. CV: <http://lattes.cnpq.br/8625735653564003>; E-mail: nomadismosclnicos@gmail.com

Estamos reunidos aqui hoje no entorno da defesa pública de um texto de tese. Mas é preciso lembrar também que este ritual marca um corte numa temporada de vida, e de um bocado de coisas que vieram junto nesta fase. Quero agradecer contudo, de uma forma um pouco maquínica, ou inumana, a essa universidade, a PUCSP, que se tornou agora minha *alma mater*, pois como numa morada para estudos e pesquisas essa estrutura foi uma espécie de testemunha passiva, que incorporou muitos de meus trajetos e afetos nos últimos 9 anos. Então eu gostaria ainda de agradecer a todas as pessoas que valorizam e cuidam das universidades, de seus *campus*, de seu caráter multiplicatório, transdisciplinar, crítico e clínico de produções acadêmicas, de projetos de extensão e de muitos encontros, dos que cuidam para que estas instituições se transformem, mas que não se pulverizem pelo imediatismo que tem se tornado norma em processos educativos e pedagógicos.

Quero ainda agradecer aos colegas do doutorado. Mas para seguir essa exposição, quero lembrar e agradecer a um colega do mestrado, o bonito José, pedagogo e artista plástico, fino, elegante e educado. Quando nos conhecemos, no início do mestrado, em 2015, eu recém havia chegado em São Paulo, e ele me contou que tinha feito uma orientação/supervisão pedagógica para escolas de um município do interior profundo de Minas Gerais. Era Igaratinga, não o município onde nasci, mas justamente o município ao qual pertencia a gleba de terra da minha família, onde vivi minha primeira infância. Ao contar isso para o José, sua pergunta foi imediata: como você fez para sair daquele lugar e vir parar aqui? Não me lembro qual foi a minha resposta naquele dia, mas saí e aqui estou, hoje diria que talvez pelo fôlego, atributo de Nanã, já desenvolvido ali naquela roça em meus então pequenos pulmões.

O pulmão, esse corpo esponjoso que carregamos muito bem guardado em nossa caixa torácica, viva de ossos, é um órgão aerado, aberto às trocas ambientais, e é aquele que, inclusive, é o órgão que mais continuamente nos leva a compartilhar moléculas comuns em um mesmo ambiente, e assim também nos tornarmos comuns, uns com os corpos dos outros. Concluo que foi assim que eu cheguei aqui: com o fôlego e a agilidade lenta e contínua de Nanã, minha orixá de cabeça. Logo, todo esse processo que desaguamos hoje, juntos aqui, de alguma maneira se torna um ebó de Nanã e para Nanã. Saluba Nanã! Ebó da Ya de todos os tempos vividos

por este planeta Terra. Mas intuo que, este ebó, que é uma tese, é também a continuidade deste corpo que vos fala através de seu fôlego, e este ritual de defesa que compartilhamos hoje é o despacho do trabalho que foi feito até aqui.

A impressão que tenho é que quase morri várias vezes durante estes longos anos que perfazem a feitura de um doutorado. Não quebrar depois da ruína, ser a força viva da ruína e da decomposição, transformar e transvalorar o corpo e os mistérios da carne. Seguir viagem namorando consigo e com a música que se é capaz de escutar no sussurro dos ventos da mudança.

Confesso que conjurei esse momento com todas as forças vivas que estive à altura de escutar, as visíveis e as invisíveis. E eis que aqui estamos. Em verdade, o fato que se materializa agora, este ritual de defesa, e que por nós presentes é visto ou percebido desde alguma perspectiva singular, leva consigo o incalculado, a surpresa mesmo, em se consumir de forma distinta da planejada. E me pergunto: seria uma questão de oportunidade vital? Há algo de sagrado nas contingências de nossos desejos que irrompe o fato ordinário de uma lógica em sentido ego-logo-cêntrica. Que caos foram os últimos cinco anos! Que extraordinários foram também.

690

Uma sensação de não pertencimento a esta capital, que me perseguiu até o depósito deste volume, foi justamente o que produziu uma aliança vital com movimentos contínuos e esquisitíssimos, vividos enlouquecidamente por mim nesta cidade, como numa espécie de adolescência tardia ao longo destes últimos 9 anos, o mesmo tempo em que cheguei aqui nesse território nômade que é o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade. Concluo que tudo foi um traçado de afirmação de puro desejo, sedento da máxima arriscadíssima para uma adulta já não mais tão jovem, que é a do "vou pagar pra ver". E no caso da PUC paga-se mesmo pra estudar, literalmente. Mas que desejo estranho é esse? O desejo que deseja se desconhecer de fato. Seria perder-se ou cair em si afinal? Estar onde sempre se quis estar, mas de um jeito diferente do imaginado. Ainda assim tornando o desejo consumado, hoje em um ebó extemporâneo, sempre fora e dentro de seu tempo. No meu caso este ebó é feito para forças famintas de se alimentarem dos desvios das burocracias e de certas ilógicas dos rigores da cátedra.

Então, ainda, este processo, a escolha por batalhar uma pós-graduação no Núcleo junto com estes professores que são entidades encarnadas, a feitura desta

tese, não foram planos premeditados ou mesmo lineares, eles sempre estiveram na caixinha do impossível. Eu pensava: “impossível para mim ir para São Paulo, impossível pagar essas mensalidades, impossível atender as exigências de pesquisa que esse povo dali, poético, contemporâneo, produz”. Todavia, uma sucessão de encontros pela vida, em sua maioria imprevisíveis, e alguns fracassos homéricos tornaram este momento possível.

Uma estratégia de sobrevivência pela impertinência, onde o dinheiro nunca foi a seta, mas as potências da vida, sim. Um caminho que se fez pelo gosto de experimentar aquilo que não está dado para si como destino, e talvez, ainda, uma teimosia de quem tem muito signo fixo no mapa astral, tenham me orientado até o arremate deste trabalho/processo.

Mas preciso avisá-lo, a teoria para mim é *rock and roll*, e pode ser *jazz*. Ela, mesmo que custosamente, compõe intensidades múltiplas, lúdicas, desloca meus afetos enrijecidos, é um jogo com o pensamento que me põe a perguntar. Nessa parte meu intercessor favorito é o filósofo Gilles Deleuze. Pois gosto ainda mais do que nem sempre compreendo na primeira leitura: é um delírio, um deleite, um rastreamento de detetive, seria um devir animal? Sabendo disso, os conceitos aqui estão, pois fazem parte do movimento desta pesquisa e funcionam na elaboração de processos que desembocarão, quem sabe, em outros. Também é verdade que só entendi o riscado do que pode ser uma escrita de doutorado em seu fim. Cheguei achando que tinha que carregar os teóricos comigo todo o tempo, por onde eu fosse. E isso deu um pouco de trabalho, embora prazeroso. Aulas com professores incríveis, textos novos mesmo que revisitados. Por fim, cortei alguns excessos na tentativa de produzir uma escrita por onde fluísse o que trago da experiência viva de meu corpo singular, mas não foi possível abrir mão de tudo.

Olho para o passado, buscando reconhecer algo dali atualizado no agora. Haveria dignidade maior do que o desejo de transformar o mundo e suas mazelas e desigualdades? Pergunta ingênua, provavelmente feita pela Pollyana do devir, personagem conceitual que apareceu na minha dissertação de mestrado, mas pergunta feita por uma dignidade menor, no sentido do minoritário. Numa camada mais baixa, cavernosa, anímica, somos mais que expectadores das expectativas de mercado. O povo por vir aqui está, somos nós. É no absurdo da constatação deste

real fabuloso, e ainda sim aterrorizante, que nossas escutas ao óbvio, quem sabe, possam parar de doer, e que adensaremos a presença de um tempo, "e que tempo é esse meus amigos?", que não corre nem escorre, ele está aqui.

A vida das palavras proferidas também são escutas, nas relações entre nossas corpos e este tempo que vivemos. Quando uma linha de fuga, feita palavra, toca o registro ou a subjetividade de uma época, mas recusa seu controle sobre si, o desejo nos leva pela mão numa espécie de razão que serpenteia todas as questões aparentemente simples e ingênuas, que se atualizarão como extraordinariamente vitais na atmosfera assombrosa que compartilhamos.

Uma clínica performática. Esta é a minha pequena contribuição, contribuição de continuidade, essa é a minha defesa, uma clínica crítica e política, que devesse novos modos de existência como uma questão de direito e usufruto de uma vida menos ordinária.

Sentirei saudades daqui. E agradeço mais uma vez por este espaço ter criado o campo de possibilidades para que muitas de minhas ideias se atualisassem academicamente dentro de um programa de psicologia clínica.

Axé.

692

Submissão: 29. 06. 2025

/

Aceite: 17. 07. 2025